

# FRAGMENTOS DE VIDA E MORTE DA IDADE MODERNA NO CENTRO HISTÓRICO DE ELVAS

TERESA RAMOS COSTA CHAM – FCSH - UNL | UAÇ  
CRISTINA CRUZ  
GONÇALO LOPES  
ANA BRÁZ

**RESUMO** As intervenções arqueológicas realizadas no centro histórico de Elvas revelaram elementos arquitectónicos e antropológicos resultantes das ocupações modernas da vila. Referem-se nomeadamente à sua vocação militar com os quartéis e pavimentações da Parada do Castelo, à necrópole do Largo do Salvador e aos sistemas de drenagem do antigo Largo de São Vicente.

**PALAVRAS-CHAVE** Período moderno, arqueologia urbana, infra-estruturas urbanas de drenagem, aquartelamentos, arqueologia funerária

O estabelecimento de cabos eléctricos subterrâneos por parte da EDP no centro histórico de Elvas exigiu acompanhamento arqueológico, que decorreu entre 2005 e 2006. Teve como principal objectivo a minimização dos impactes negativos sobre estruturas e outras realidades arqueológicas identificadas. É, pois, objectivo deste artigo a integração histórica e urbanística dos achados, a partir do cruzamento dos elementos de campo com a bibliografia disponível.

O projecto localizou-se no interior do perímetro murado de Elvas e foi adjudicado à empresa Crivarque, Lda pela então Direcção Regional de Évora do IPPAR. Deste constaram as intervenções na Parada do Castelo, no Largo dos Combatentes da Grande Guerra, no Largo do Salvador e na Rua dos Açougues (fig.1).

## 1. PARADA DO CASTELO

*"Elvas é a maior e mais forte praça de Portugal; as suas fortificações estão em muito bom estado, notamos ali excelentes e vastos aquartelamentos e um considerável arsenal militar."*

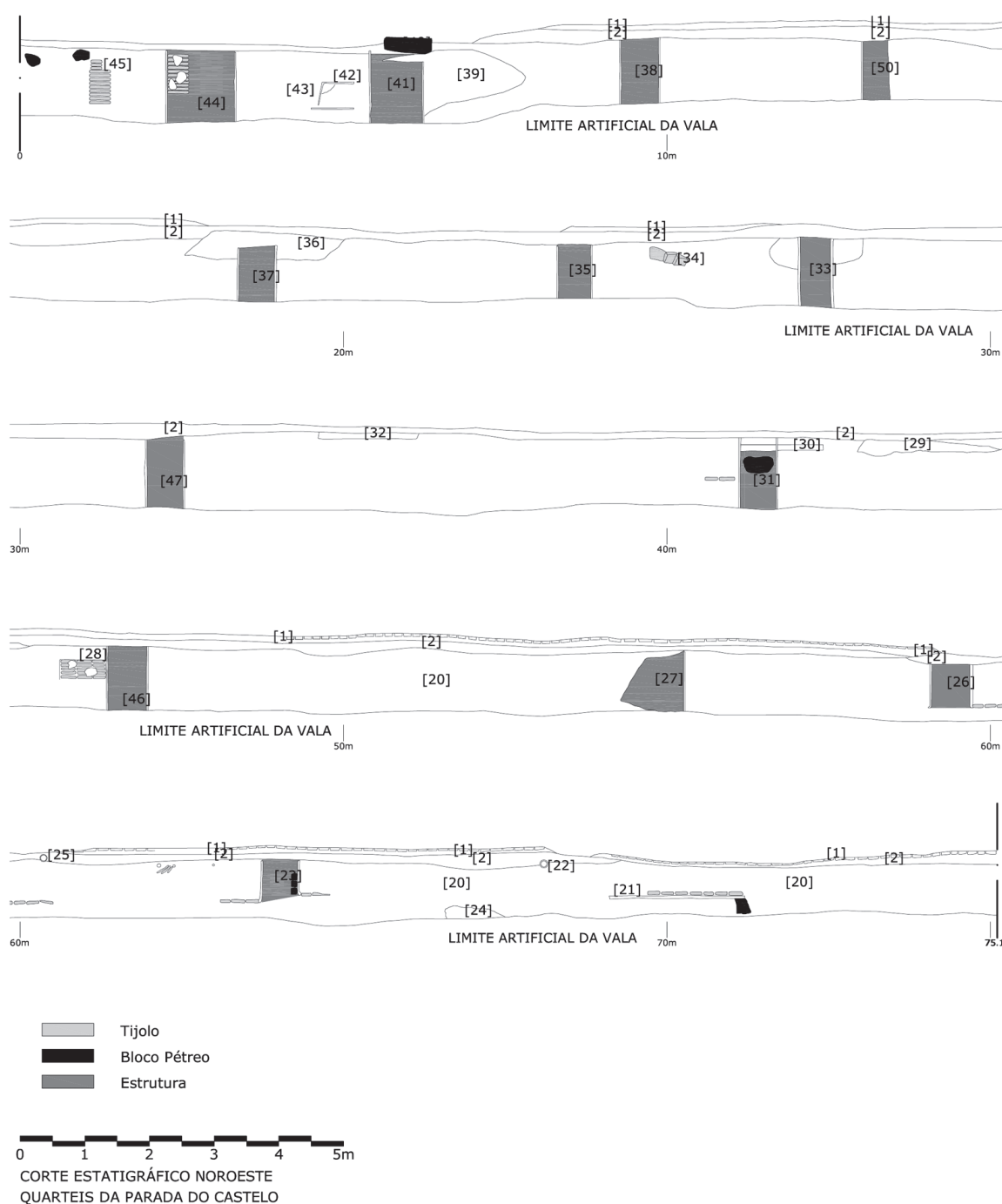
J.Taylor, arqueólogo e militar, 1826-1832.



1. Planta geral com localização das intervenções.

A Parada do Castelo é a área primordial da ocupação de Elvas, na qual se reconhece boa parte da história da cidade e a sua profunda vocação defensiva, nomeadamente como guardião da fronteira portuguesa. A abertura de uma vala de configuração em U junto ao castelo de Elvas, efectuada previamente ao acompanhamento arqueológico numa extensão de aproximadamente 100 m, levou à identificação no sector Noroeste das estruturas pertencentes aos quartéis da Parada do Castelo, também conhecidos pela rua dos Quartéis de Basto, Frontaria do Abarracamento ou Frontaria dos Quartéis (Gama, 1963, p. 65; Morgado, 1993, p. 41).

No corte estratigráfico verificou-se a existência de várias paredes em alvenaria de pedra e tijolo, revestidas em ambas as faces por argamassa de cal, correspondentes às diversas salas do piso térreo (figs. 2 e 3). Numa leitura de Sudoeste para Nordeste observou-se que as paredes de maior espessura, com 0,90 e 1,10 m, estão localizadas na extremidade do complexo arquitectónico, ostentando o embasamento da escadaria externa de acesso ao piso superior. Os restantes muros possuíam dimensões inferiores, com espessuras médias entre os 0,50 m a 0,70 m sendo que a altura máxima conservada era de 1,10 m.



2. Corte estratigráfico Noroeste dos Quartéis da Parada do Castelo.



3. Pormenor em corte estratigráfico de parede em alvenaria de pedra e tijolo pertencente aos Quartéis da Parada do Castelo.



4. Base da torre poligonal do castelo de Elvas.

Relativamente aos compartimentos, e sem descartar a hipótese de certas paredes terem sido completamente arrasadas na demolição, denotou-se igualmente que estes se agrupam em pares de dimensões idênticas, o que poderá remeter para a existência de uma divisão interna em cada unidade habitacional e que, pelo menos o piso térreo tinha dois compartimentos. Duas destas unidades conservavam pisos em tijoleira, assentes sobre uma camada de preparação com entulho, reconhecendo-se igualmente pormenores arquitectónicos, como degraus e arcarias.

A edificação destes quartéis ocorreu em meados do século XVII, paralelamente ao levantamento da fortaleza abaluartada que abarcou todo o núcleo urbano, durante a Guerra da Restauração. A par desta construção foram erguidos edifícios de apoio destinados a abrigar serviços necessários à logística da guerra, neste caso específico para alojamento dos militares e suas famílias (Rodrigues, Pereira, 1995).

Contemporâneos dos quartéis da Parada do Castelo são os das Balas, junto ao redente do Cascalho, os da Corujeira, na Rua de S. João, e os de São Martinho, na Rua dos Quartéis (Fiel e Garrinhas, 2005, p. 103). Em termos arquitectónicos reportam-se a um tipo de edifício no qual as portas do piso térreo estão alinhadas com as janelas superiores, elevando-se entre cada uma delas o corpo da chaminé (Conceição, 1997, p. 280-281, nota 29). De acordo com as fotografias antigas consultadas (Morgado,

1993, p. 41; Arquivo da DGEMN, PT041207020005<sup>1</sup>) os quartéis da Parada do Castelo seriam idênticos aos das Balas, com arcaria, chaminés e acesso ao andar superior por uma única escadaria lateral.

Se aquando do cerco espanhol de 1644 existiam já os quartéis da Corujeira e de São Martinho, a verdade é que eles eram manifestamente insuficientes para alojar a soldadesca, já que esta acabou por se instalar em casas de habitação e conventos (Duarte, 2006, p. 49)<sup>2</sup>. Este reforço da estrutura militar foi bastante exigente em termos monetários, instituindo-se imposto sobre os habitantes para angariação dos 600 mil réis necessários à sua construção. Em 1665 o Marquês de Marialva recomendava à Câmara que prosseguisse a construção dos Quartéis da Parada do Castelo (Gama, 1963, p. 62-63; Morgado, 1993, p. 42).

Ali estiveram instalados o 1.º Regimento de Infantaria de Elvas ou Regimento de Basto, entre outros, até à redução da guarnição a apenas um destes corpos, em 1834. Na segunda metade do século XIX e na ausência

1. A foto apresentada está datada de 1944 no sítio [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt), o que não é verosímil, dado que todos os autores são unânimes em datar a destruição dos Quartéis de 1909-10. António Tomás Pires apresenta uma gravura idêntica a esta foto, na sua publicação de 1907 "O Castello de Elvas: memória apresentada à Exma. Comissão Executiva do Conselho dos Monumentos Nacionaes", Estudos e notas elvenses, nº9.

2. Os habitantes estavam sujeitos à prática do aboletamento ou seja obrigação de cama e mesa aos soldados e oficiais, além de gado cavalari e muar que chegava em serviço (Morgado, 1993, 42).



de contingentes militares o espaço passou a ser habitado por gente pobre. Já no século XX, alguns destes conjuntos foram demolidos, datando-se a da Parada do Castelo de 1909-10 (Gama, 1963, p. 66; Rodrigues e Pereira, 1996, p. 43).

Paralelamente aos vestígios dos referidos quartéis, a abertura da vala supracitada expôs igualmente a base da torre poligonal Sul do castelo (fig. 4). O registo gráfico permitiu aferir que o aparelho do embasamento é constituído por fragmentos de tijolo e blocos pétreos, revestidos por uma camada espessa de argamassa. Esta torre está integrada no conjunto de inovações defensivas e construtivas realizadas nos reinados de D. João II e D. Manuel I, como se pode observar na planta do Livro de Fortalezas de Duarte de Armas (1997, fl. 124). É uma das mais interessantes soluções de arquitectura militar desta época, pela sua forma poligonal e por ter sido dotada de vários dispositivos de fogo, nomeadamente no interior de uma galeria acasamatada (Moreira, 1989, p. 99). Da consulta aos arquivos fotográficos da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais verifica-se ter havido preenchimento das juntas e revestimento da base desta torre, bem como o rebaixamento do piso em aproximadamente um metro no sedimento envolvente nas obras de 1940/41 e 1943/48.

Durante os trabalhos da Parada do Castelo observou-se, genericamente, uma grande proximidade da actual



5. Porção do "Caneiro real" no antigo Largo de São Vicente.

superfície ao nível geológico calcário, sendo inexistentes camadas sedimentares anteriores ao século XVIII. É claro que, dada a densidade habitacional desta área a partir do período muçulmano (Dentinho, 1989; Rodrigues e Pereira, 1996, p. 10-11; Correia, 2002), os níveis estratigráficos medievais e dos primeiros séculos da época moderna foram sistematicamente destruídos.

Numa outra vala, aberta junto às habitações que limitam a Parada do Castelo (fig. 1), apesar de não terem sido detectadas estruturas arqueológicas dignas de menção, recolheram-se materiais que corroboraram a intensidade de instalação humana nesta zona, embora carecendo de contextualização deposicional e com elevado grau de fragmentação. Destaque-se uma sucessão de três pisos em argila compactada, contendo maioritariamente tijolo, mas também telha, estuque e argamassa, assentes sobre um nível de preparação muito compacto, constituído por pequenos elementos pétreos, pequenos fragmentos de materiais de construção e nódulos de argamassa. Deverão corresponder a diversos níveis de repavimentação deste espaço público.

## 2. LARGO DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA (ANTIGO LARGO DE SÃO VICENTE)

*"(...) algumas ruas são razoavelmente boas e bem pavimentadas, mas a elevação e a irregularidade do terreno em que ela foi construída tornam-nas em geral, íngremes e desagradáveis de percorrer(...)"*

George Landmann, *Military and picturesque observations on Portugal*, 1812

Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da segunda intervenção deste projecto decorreram no Largo dos Combatentes da Grande Guerra, o antigo Largo de São Vicente (fig. 1). Situa-se na extremidade do eixo viário nascente-poente definido em finais do século XIII, correspondente à então denominada Rua do Cano, hoje Rua Sá da Bandeira. Na extremidade desta via estava a Porta dos Banhos, junto ao que se julga terem sido os balneários islâmicos, localizando-se nas imediações a ermida de São Vicente e a Fonte da Prata (Dentinho, 1989, p. 44; Rodrigues e Pereira, 1996, p. 37). Esta punha em "comunicação a cidade baixa (...) com os campos vizinhos e ribeira da Chinchas ou do Cêto" (Almada, 1888-1891, p. 106).

Identificou-se naquele largo um pavimento antigo em argila de 7 m de comprimento com elementos pétreos, tijolo e argamassas compactadas [904], bastante semelhante ao da Parada do Castelo mas, ao invés deste,

sem camada de preparação. Sob o pavimento surgiu um caneiro em alvenaria de pedra [906], que estaria associado ao "Caneiro Real", medindo 0,70 m de altura máxima conservada e 1,10 m de largura (fig. 5). Este passava na Rua do Cano e é descrito na documentação como um "antigo escaninho dos enxurros da villa d'Elvas, escaninho que sahindo da Porta Nova (Arco da Encarnação), percorria a descoberto, e em toda a sua extensão, o terreno em que está a rua, e ia a sahir à porta denominada dos Banhos (Porta Velha)" (Pires, 1924, p. 30).

Esta intervenção para instalação de infra-estruturas foi bastante limitadora do ponto de vista das aberturas em área, essenciais à compreensão das diversas realidades arqueológicas. No entanto, consideramos essencial referir a existência de mais duas estruturas: uma [928] pertencente ao sistema de transporte e drenagem de águas da cidade, constituída por lajes de calcário e tijolo maciço ligados por argamassas, com reutilização de um pequeno friso arquitectónico em mármore, medindo 1,70 m de comprimento e 0,70 m de largura máxima, assentando sobre o afloramento geológico; outra [932], provavelmente relacionada com a circulação de água, uma estrutura cúbica de pedra contendo no interior um bloco quartzítico com lajes de calcário no topo, unidas com argamassas amarelas (fig. 6).

Após vários anos de obras, em 1622 foi finalmente estabelecido o percurso para a canalização da água

proveniente do Aqueduto da Amoreira, até à sua saída da cidade pela Porta dos Banhos. O Largo de São Vicente é efectivamente descrito como um espaço onde afluíam vários cursos de água, tendo sido construídas várias infra-estruturas para os receber, canalizar e distribuir, nomeadamente numa fonte de três bicas. Na bibliografia consultada há referência ao remanescente das águas da fonte, as quais "iam a uma arca que estava sobre o cunhal da igreja, endireitava à bica do tanque e estava o cano na parede do terraplano e dali continuava". Esta definição coaduna-se à descrição e localização da supracitada estrutura arqueológica [932] (Gama, 1972, p. 54).

Na extremidade Noroeste do Largo, sob uma calçada de seixos irregulares, detectou-se parte de um esqueleto humano, registando-se o crânio, o maxilar e as clavículas. Estaria relacionado com a antiga Ermida de São Vicente, onde se venerava a Nossa Senhora da Paz, cuja origem remonta ao século XIV. A sua localização na Rua dos Banhos, com a fachada voltada para o largo, é reconhecível em descrição e planta dos *Anaes de Elvas* (Mata, 1859; Gama, 1972, p. 42). A esta estrutura religiosa se poderá associar também o piso em tijoleira e vestígios de parede em alvenaria de pedra e tijolo maciço detectados junto à Fonte da Prata situada na vertente sul deste Largo e bastante danificados pelas infra-estruturas contemporâneas. A ermida foi demolida em 1927 "para alargar o local" (Dentinho, 1989, p. 87 e 123).

### 3. NECRÓPOLE DO LARGO DO SALVADOR

No Largo do Salvador ocorreu a terceira intervenção no âmbito deste projecto (fig. 1). O surgimento dos vestígios antropológicos está associado à já desaparecida Igreja do Salvador, cuja primeira referência data de 1273, tornando-se posteriormente um Priorado da Casa de Bragança. Até inícios do século XVI, o Largo do Salvador assumiu-se como centro religioso e político-administrativo de Elvas, com os Paços do Concelho medievais e a primitiva igreja com esta evocação. Desta última, persistem apenas elementos arquitectónicos vestigiais do lado Sul, como o portal com decoração em estuque de finais do século XVI e um Calvário em mármore. Restam também uma parede em cantaria encimada por duas mísulas góticas, abrindo-se na Rua de São Pedro dois arcos ogivais de cronologia quatrocentista (Rodrigues e Pereira, 1996, p. 16). Bastante afectada pelo terramoto de 1755, a sede da paróquia passou para a Igreja do Antigo Colégio Jesuítico de Santiago, convertendo-se este espaço mais tarde em açougue municipal, funcionando hoje como depósito camarário.



6. Estrutura cúbica em pedra para circulação de águas.

Os vestígios antropológicos reportam-se a uma necrópole implantada na cota inferior do Largo, antigo adro da igreja do Salvador, correspondendo a uma prática funerária comum nos períodos medieval e moderno. A intervenção revelou a presença de um espaço de enterramentos múltiplos, com importante concentração de enterramentos primários e de material osteológico descontextualizado.

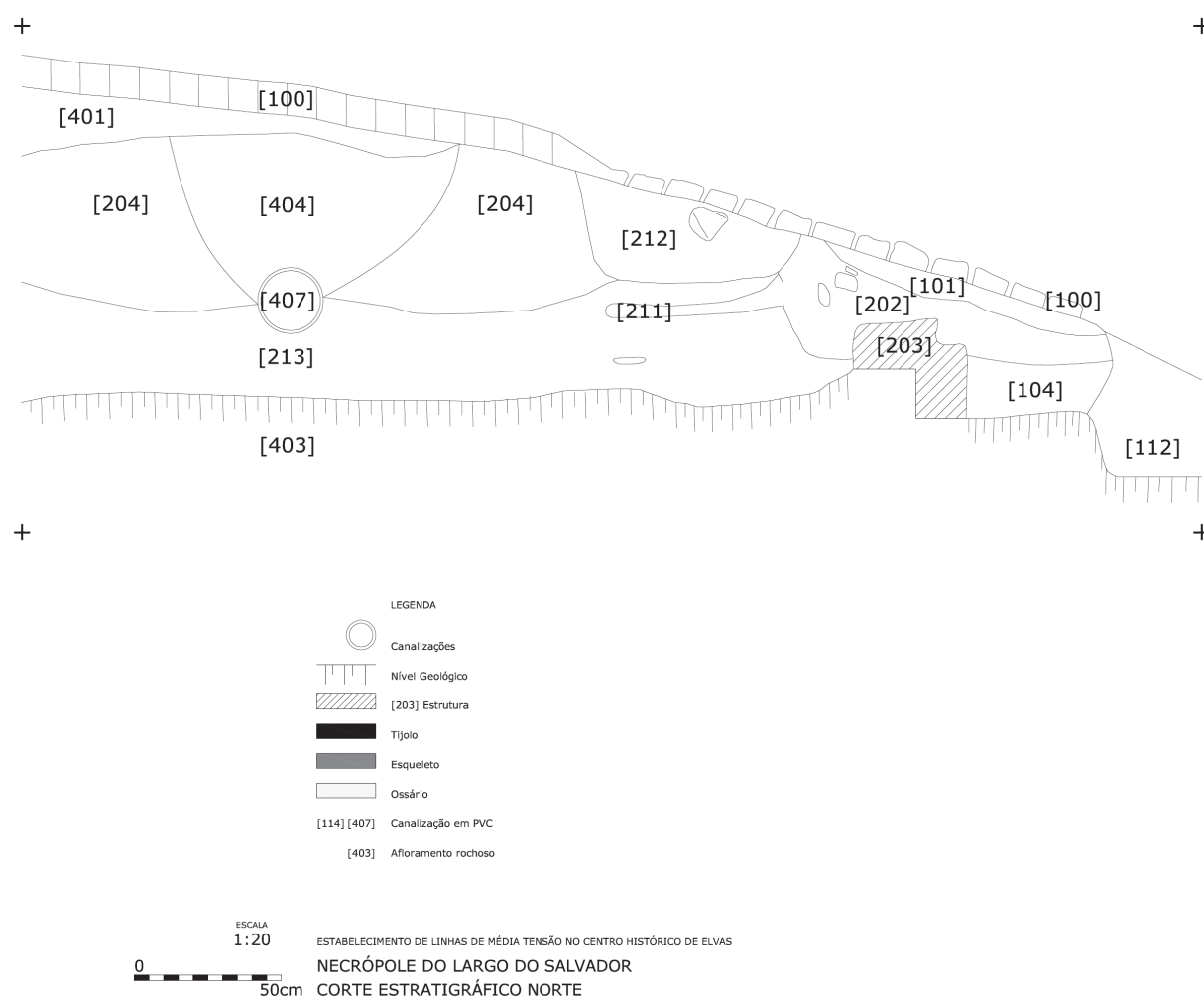
O solo irregular, associado a zonas de rocha, terá promovido o aparecimento de bolsas de material osteológico disperso, cuja concentração se deverá à acção da gravidade e de agentes tafonómicos de diferentes naturezas: roedores, raízes, acção humana, etc. De facto, no que diz respeito à acção humana, é reconhecido que este largo sofreu sucessivas intervenções urbanísticas ao longo do tempo, com impacto na preservação e perturbação dos enterramentos. Exemplo disso são as deposições cortadas por cabos de PVC e a presença de caixas de saneamento, construídas em argamassa. A selar o nível dos esqueletos [213] estava

uma fina camada descontínua de estuque pulverizado e solto [211] (fig. 7).

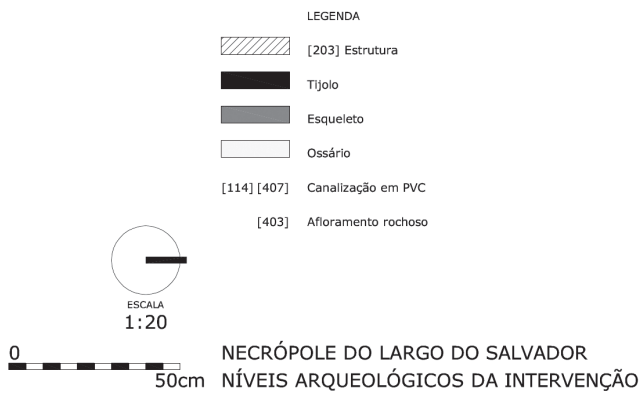
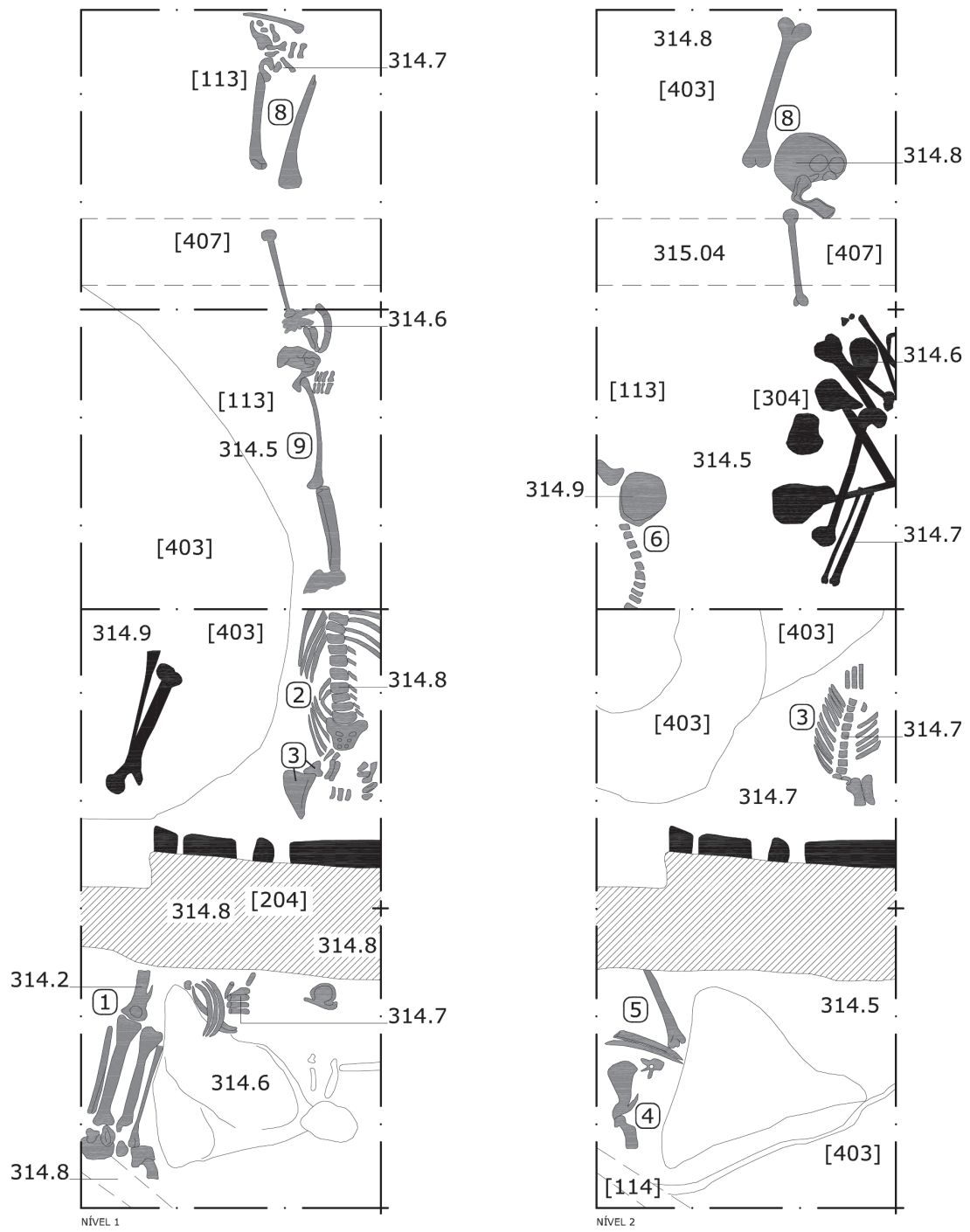
Parte do espólio exumado nesta intervenção distribuía-se igualmente pelas camadas de revolvimento contemporâneo que destruíram alguns dos níveis associados aos enterramentos. Entre o espólio recuperado refira-se um numisma ilegível [104], objectos indistintos em bronze [204], abundante número de alfinetes do mesmo material [106] e um botão em osso [301]. A ausência de vestígios de estruturas de enterramento combinada com as evidências estratigráficas sugerem que os indivíduos ali inumados terão sido depositados directamente no solo.

Foram identificados sete enterramentos (fig. 8), que coincidem no baixo grau de preservação e representatividade<sup>3</sup> e na orientação da inumação: O-E de acordo com a norma canónica (Barroca, 1987). Da análise dos restantes elementos da antropologia funerária, foi

3. Usando como referência a proposta de Buickstra & Ubelaker, 1994.



7. Corte estratigráfico Norte da necrópole do Largo do Salvador.



8. Nível arqueológico da necrópole do Largo do Salvador.



possível constatar que a deposição de todos os indivíduos foi feita em decúbito dorsal (fig. 9), à exceção do Enterramento 7/9, que se encontrava em decúbito lateral esquerdo (fig. 10). Apesar de não ser possível inferir sobre o posicionamento dos membros para todos os indivíduos é possível caracterizar a este nível os enterramentos 2, 5, 6, 7/9 e 8, variando entre estarem apoiadas sobre a região pélvica ou torácica.

O único espólio recuperado encontrava-se associado ao indivíduo do Enterramento 8, consistindo num botão e num alfinete em cobre, ainda com porção de tecido, encontrados sobre o sacro [406]; e no Enterramento 6, com contas de rosário e dois botões, um em ferro e outro em osso [303].



9. Detalhe do Esqueleto 6 depositado em decúbito dorsal.



10. Detalhe do Esqueleto 7/9 depositado em decúbito lateral esquerdo.

No que diz respeito ao perfil paleodemográfico e paleopatológico, os sete enterramentos correspondem a cinco indivíduos adultos, sendo que dois destes foram diagnosticados como pertencendo ao sexo masculino<sup>4</sup>, um ao sexo feminino<sup>5</sup>. Em relação aos restantes dois não foi possível determinar o sexo. Os demais indivíduos são ainda fisiologicamente imaturos, não sendo por isso possível avançar com uma diagnose sexual. Relativamente a estes dois indivíduos não adultos, um teria uma idade estimada a partir da combinação avaliação da erupção dentária (Ubelaker, 1989) e do comprimento dos ossos longos (Stloukal e Hanáková, 1978), entre os 5-7 anos. O outro seria um juvenil com idade inferior a 15-18 anos, de acordo com a avaliação do grau de fusão das epífises (descrita em Scheuer e Black, 2000).

A análise paleopatológica não revelou nenhuma lesão gravosa, tendo-se verificado apenas a ocorrência de marcadores de stress músculo-esquelético (entesófitos) – alterações que consistem, genericamente, na calcificação das estruturas ligamentares em resultados da repetição de esforços mecânicos (Santos, 2011) – ligeiras no indivíduo 7/9.

O material osteológico disperso, apresenta um desafio importante, especialmente em contexto de escavação. De facto, o desenho de um perfil biológico deste tipo de espólio fica muito aquém daquele que é possível na presença de um indivíduo em articulação. O material em depósito secundário do Largo do Salvador apesar de apresentar concentrações mais importantes em determinadas zonas da vala foi encontrado em toda a sua extensão. Os maiores aglomerados ter-se-ão formado por acção humana, possivelmente para criar espaço para receber novos enterramentos ou no momento das intervenções urbanísticas.

A partir da análise preliminar levada a cabo no campo, com o intuito de registar elementos que pudessem por via do levantamento e transporte perder-se, realçamos a presença de um fémur com uma morfologia atípica, possivelmente patológica (fig. 11). A configuração deste osso terá resultado da sobreposição de camadas de osso novo, o que conduziu ao espessamento, aumento de densidade-peso e estriação longitudinal e irregular da diáfise (porção medial do osso). Esta descrição parece compatível com um quadro de sífilis ou doença de Paget, excluindo-se a osteomielite por não haver cloaca. Contudo, a avaliação paleopatológica deverá ser aprofundada em contexto de laboratório com o intuito de gerar, se possível, um diagnóstico mais seguro.

4. De acordo com a aplicação do método morfológico de diagnose sexual proposto por Ferembach et al. 1980.

5. Resultado obtido a partir da combinação dos métodos métricos propostos por Wasterlain, 2000 e Silva, 1991/1992 e o método morfológico proposto por Ferembach, 1980.





11. Fémur esquerdo com configuração atípica – maior espessamento da diáfise – recuperado dentre o material osteológico em depósito secundário (a: norma anterior; b: norma posterior).

No que diz respeito aos ossos longos, as lesões provocadas pela sífilis podem ser de duas naturezas: gomatosas e não-gomatosas (Campillo, 2001; Ortner, 2003). As primeiras caracterizam-se por apresentarem pequenas aberturas na zona do perióstio, ao passo que as não-gomatosas se identificam por exibirem um padrão de deposição/produção de osso muito acentuado o que provoca um espessamento associado a um maior peso e que permite caracterizar o osso como tendo sofrido deposição em placas, de osso novo (Campillo, 2001; Ortner, 2003). Esta característica está frequentemente associada a ossos com um grande revestimento muscular. Quando submetidos a análise radiológica será possível observar em ossos afectados por esta patologia um espessamento ao nível do canal medular que, em casos extremos, fica obstruído (Campillo, 2001; Ortner, 2003).

A Doença de Paget caracteriza-se por uma excessiva reabsorção e produção óssea que culminam num osso trabecular em *mosaico* (Campillo, 2001; Ortner, 2003; Queiróz, 1996). A doença de Paget pode ser monostótica caso envolva apenas um osso, ou polistótica se a afecção afectar vários ossos. Os elementos do esqueleto mais frequentemente envolvidos são a pélvis, o crânio, a coluna vertebral, o fémur e a tíbia, expressando-se as lesões nestes casos, de modo assimétrico (Campillo, 2001; Ortner, 2003; Queiroz, 1996).

Numa análise do espaço ocupado pela necrópole destacam-se ainda duas características. Por um lado, encontramos enterramentos que, podendo não ser simultâneos, são temporalmente muito próximos; por outro, regista-se material osteológico que não se apresenta em articulação, o que nos remete para um quadro de re-utilização do espaço.

De acordo com alguns autores (Duday, 2005a,b; Duday, 2006, Crubezy *et al.* 1990), este contexto funerário é compatível com o que se entende por “sepultura

colectiva”. Estas estruturas resultam de deposições que ocorreram ao longo do tempo, na ordem das dezenas ou centenas de anos. A análise arqueotantalógica revela-se, contudo, ineficaz sempre que os cadáveres não se apresentam em contacto directo (Duday, 2007; Duday, 2008).

Análises de contextos semelhantes, sobre os quais não é possível aceder a documentação histórica, têm vindo a revelar que espaços desta natureza formam-se em resposta a fenómenos abruptos de mortalidade. Contudo, a aferição destas circunstâncias só pode ser feita mediante a identificação de uma cronologia específica para os enterramentos. Desta forma, combinando os dados biológicos da população inumada, com os registos epidémicos e o perfil demográfico da morbilidade que caracteriza cada epidemia, será possível estabelecer uma relação mais precisa que justifique a origem destes espaços funerários (Castex, 2007; Castex, 2008).

De facto, as crises epidémicas que afectavam o território português durante as épocas medieval e moderna constituíam um grave problema, levando as autoridades locais e régias a impor formas de isolamento de grupos reconhecidos como de risco (Marques, 2010; Mattoso, 2010). As crises de mortalidade tiveram um impacto significativo nas questões demográficas, sendo os surtos epidémicos dos principais agentes deste fenómeno. Estes períodos de enfermidade prevalente, combinados com épocas de carestia alimentar, conflitos bélicos, maus anos agrícolas e a abertura do espaço nacional, fruto da política expansionista, concorreram também para a ocorrência de picos de mortalidade (Rodrigues, 2008a). Este padrão de permanente convivência com a doença e com a morte prolongou-se para o século XVIII, tendo prevalecido com um impacto ligeiramente menor no século XIX (Moreira, 2008; Rodrigues, 2008b).

Dentro deste quadro teórico, é possível compreender a ocorrência de espaços de inumação com uma grande concentração de indivíduos e a inexistência de evidências de uma ritualização que reflectiam um maior cuidado e investimento de tempo e recursos. Importa também não esquecer que a questão do estatuto social e acesso a tratamento diferenciado era igualmente evidente no momento da morte. A população mais pobre, dificilmente teria direito um enterramento num espaço individualizado e num invólucro funerário semelhante a um esquife.

Tendo em conta, a limitação da zona intervencionada, a escassez de dados cronológicos e de evidências históricas para o contexto em causa, apenas podemos avançar com estas interpretações.

#### 4. RUA DOS AÇOUQUES

Durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico na Rua dos Açouques (via de ligação entre a Sé e o Largo do Salvador), frente ao n.º 10A (fig. 1), surgiu o bocal circular de um silo, com uma pedra a cobri-lo. Não foi possível intervencioná-lo, devido às vicissitudes do acompanhamento arqueológico. Estava, como habitualmente, escavado no afloramento, e o sedimento era de tom castanho-avermelhado e compacto contendo elementos pétreos de pequena a média dimensão (fig. 12).



12. Boca de silo identificada na Rua dos Açouques.

Segundo Victorino d'Almada (1888-1891, p. 38), a Rua dos Açouques talvez fosse a antiga rua dos Mercadores, que no século XIII tinha uma acepção mais abrangente que a de hoje. Indicava os diversos estabelecimentos comerciais, fosse qual fosse o seu ramo de negócio. Sendo assim, a presença de um silo nesta zona da cidade poderia relacionar-se com a funcionalidade desta rua (Rodrigues e Pereira, 1995, p. 15). A existência destas *covas de pão* com funções de armazenamento era bastante frequente em contextos urbanos e rurais; refira-se, a título de exemplo, as que eram propriedade da Mitra de Évora em finais da Idade Média, uma delas aberta na câmara em que o Bispo dormia em Elvas (Beirante, 1995, p. 241).

#### 5. ELVAS: DO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO AOS DADOS HISTÓRICOS

*"(...) Elvas é uma cidade de 12000 habitantes com um magnífico aqueduto e os Fortes de Santa Luzia e de La Lippe: é uma cidade militar; encontram-se ali arsenais, manufacturas de armas, fundições de canhões, hospitais e quartéis."*

Lucien Vigneron, *À travers l'Espagne et le Portugal (notes et impressions)*, 1883<sup>6</sup>.

Os vestígios arqueológicos detectados nestas intervenções denunciam a importância do valor patrimonial do centro histórico de Elvas, sobre o qual incidiram as intervenções do Largo do Salvador, da Parada do Castelo, do Largo dos Combatentes da Grande Guerra e da Rua dos Açouques. Esta riqueza e diversidade apresentou-se ao longo de todo o traçado em diversos pontos com sensibilidade arqueológica, traduzido em estruturas e estratos nem sempre compreendidos na integralidade, dada a destruição aquando da abertura primordial para colocação de infra-estruturas subterrâneas e as vicissitudes inerentes a este tipo de trabalhos.

A história moderna de Elvas esteve intimamente associada a contextos de guerra, pela posição privilegiada de defesa do território português. Refira-se nomeadamente o Cerco de Elvas de 1658-59, em que a população com receio das pilhagens se abriga no perímetro muralhado da cidade aumentando extraordinariamente o número de habitantes e deteriorando as condições de salubridade (Duarte, 2006, p. 49). A dificuldade de abastecimento de víveres sofrida durante o Cerco, coadjuvada pelo excesso de população, poderá estar na origem do aparecimento da peste. Esta terá dizimado

6. Ventura, António (Recolha, Introdução e Notas) (2008), *Elvas na Literatura de Viagens*, Câmara Municipal de Elvas.

a população e os soldados, atingindo por vezes 300 mortes diárias e afectando gravemente a capacidade de defesa da guarnição (Gama, 1965, p. 30; Serrão, 1984, p. 359-360; Duarte, 2006, p. 65). Episódios como este, embora impossíveis de aliar a situações concretas do registo arqueológico e antropológico, poderão ter estado na origem da necrópole do Largo do Salvador, cuja dimensão total foi impossível de aferir apesar da densidade concentrada em tão pequeno espaço. A par deste contexto seiscentista de reforço militar responderam importantes alterações arquitectónicas no urbanismo da cidade, motivadas pela construção da fortaleza abaluartada e respectivas estruturas de apoio, nas quais se integravam os quartéis da Parada do Castelo. As construções identificadas integram-se numa tipologia de edifício para albergue de tropas assaz difundida nesta época, nomeadamente em Elvas e nos espaços mais afectados pelas guerras da Restauração. Este papel de Elvas como espaço de fronteira vinha aliás de tempos mais remotos, motivando sucessivos reforços defensivos: nesta intervenção reconheceram-se as fundações da torre poligonal do castelo, erguida já com o propósito de responder aos novos desafios da arte da guerra, onde imperavam cada vez mais as armas de fogo.

O espaço contíguo ao castelo desempenhou um papel de destaque ao longo de séculos, pela sua implantação geográfica altaneira, sendo disso testemunho o registo material de sucessivos pisos e bolsas de materiais. Apesar do elevado grau de fracturação, das condições de deposição e do carácter do acompanhamento arqueológico, é possível reconhecer a densa ocupação do planalto que domina a cidade, adiantando o carácter destrutivo dos pisos modernos sobre os pavimentos medievais.

Os trabalhos arqueológicos no Largo dos Combatentes da Grande Guerra levaram à identificação de três estruturas ligadas ao sistema de drenagem de águas da cidade, associadas a uma via outrora dominada Rua do Cano, por ali passar o "Cano real", a actual Rua Sá da Bandeira, e conduzindo à porta onde anteriormente se terão erguidos os banhos islâmicos. Neste local, os vestígios de um pavimento lajeado e de um muro junto à Fonte da Prata deverão ter pertencido à já desaparecida ermida de São Vicente.

São, pois, pequenos fragmentos da vida e morte em Elvas que aqui se apresentam, obviamente limitados pelo carácter deste tipo de intervenção de salvamento, mas que ainda assim poderão ser um contributo para a história da cidade.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMADA, V. (1888-1891) – *Elementos para um dicionário de geographia e história: concelho d'Elvas e extinctos de Barbacena, Villa Boím e Villa Fernando*. Vol. I, Elvas: Typ. Elvense, texto policopiado.
- ALMEIDA, J. (1947) – *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses, Vol. III (Distritos de Portalegre, Évora, Beja e Faro)*, Lisboa, Edição do autor.
- ARMAS, D. (1997) – *Livro das Fortalezas*, ANTT-INAPA, 2ª edição, Lisboa.
- BARROCA, M. (1987) – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-E-Minho (séculos V a XV)*. Trabalho apresentado no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Faculdade de Letras, Universidade do Porto.
- BEIRANTE, M. (1995) – *Évora na Idade Média*, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, p. 241.
- BUIKSTRA, J. E. e UBELAKER, D. H. (1994) – *Standards: for data collection from human skeletal remains - Proceedings of a Seminar at The Field Museum of Natural History*. Arkansas.
- CAMPILLO, D. (2001) – *Introducción a la paleopatología*. Barcelona, Bellaterra Arqueologia.
- (1991) – *Castelo de Elvas*. Invest. e textos de Natália Pinto, Mário Pereira, António Nabais; coord. Francisco Silva Alves, Luzia Afonso; fotogr. Natália Pinto, José António Silva. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- CASTEX, D. (2007) – Les anomalies démographiques: clefs d'interprétation des cimetières d'épidémies en archéologie. In: Castex, D. Cartron, I. (ed.) *Épidémies et crises de mortalité du passé*. Bordeaux, Ausonius Éditions: 109-138.
- CASTEX, D. (2008) – Identification and interpretation of historical cemeteries linked to epidemics. In: Raoult, D. Drancourt, M. (ed.) *Paleomicrobiology: past human infections*. Marseille, Springer: 23-48.
- (Dez.1948) – *Castelo de Elvas*. Boletim da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, n.º 54, CD-ROM.
- CONCEIÇÃO, M. (2002) – *Da Vila cercada à Praça de Guerra. Formação do Espaço Urbano em Almeida. Séculos XVI-XVIII*, Livros Horizonte.
- CORREIA, F. (2002) – O sistema defensivo da Elvas Islâmica, *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Coord. Isabel Cristina Fernandes, Edições Colibri e Câmara Municipal de Palmela, p. 357-368.
- DENTINHO, M. (1989) – *Elvas. Monografia*, Câmara Municipal de Elvas.
- DUARTE, A. (2006) – *Linhas de Elvas 1659. Prova de Força*. Batalhas de Portugal, Tribuna da História, 2ª edição revista e aumentada.



- DUDAY, H. (2005a) – L'archaéothanatologie ou l'archéologie de la mort. In: Dutour, O.; Hublin, J.-J. Vandermeersch, B. (ed.) *Objets et méthodes en Paleoanthropologie*. Paris, Comité des Travaux Historiques et Scientifiques: 153-215.
- DUDAY, H. (2005b) – *Lezioni di archaeotatologia: archeologia funeraria e antropologia di campo*. Roma, Soprintendenza archeologica di Roma/Ecole Française de Rome.
- DUDAY, H. (2007) – Les preuves archéologiques d'une crise brutale de mortalité: simultanité du dépôt de cadavres, simultanité des décès? In: Castex, D. Cartron, I. (ed.) *Épidémies et crises de mortalité du passé*. Bourdeaux, Ausonius Éditions: 15-21.
- DUDAY, H. (2008) – Archaeological Proof of an Abrupt Mortality Crisis: Simultaneous Deposit of Cadavers, Simultaneous Deaths? In: Raoult, D. Drancourt, M. (ed.) *Paleomicrobiology: Past human infections*. Verlag, Berlin, Heidelberg, Springer: 49-54.
- FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I. e STLOUKAL, M. (1980) – Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons. *Journal of Human Evolution*, 9: 517-549.
- FIEL, E. e GARRINHAS, J. (2005) – Uma visão histórica da evolução urbana da cidade de Elvas, in *Caia, Revista Internacional de Cultura e Ciência*, n.º 3, Câmara Municipal de Elvas e Edições Colibri, p.87-112.
- GAMA, E. (1956) – *As cortes de Elvas em 1361*, Minerva Comercial, Évora.
- GAMA, E. (1963) – Roteiro Antigo de Elvas, *À sombra do aqueduto. Estudos elvenses*, 1.ª Série, Elvas.
- GAMA, E. (1972) – Roteiro Antigo de Elvas, *À sombra do aqueduto. Estudos elvenses*, 3.ª Série, Elvas.
- GAMA, E. (1965) – A vida quotidiana em Elvas durante o Cerco e a Batalha das Linhas de Elvas, *À Sombra do Aqueduto, Estudos elvenses*, 49p., Elvas.
- (1943) – *Inventário Artístico de Portugal*. Tomo I, Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa.
- MARQUES, A. (2010) – *A sociedade medieval portuguesa: aspectos da vida quotidiana*. Lisboa, A esfera dos Livros.
- Mata, J. (1859) – *Anaes de Elvas ou Apontamentos Históricos para a topografia Elvense ou breve descrição física, política e histórica da Nobre e sempre Leal Cidade de Elvas*, texto polycopiado da Biblioteca Municipal de Elvas.
- MATTOSO, J. (2010) – O corpo, a saúde e a doença. In: Mattoso, J. Sousa, B. V. (ed.) *Histórias da vida privada em Portugal: a Idade Média*. Maia, Círculo de Leitores: 348-374.
- MOREIRA, M. J. G. (2008) – O século XVIII. In: Rodrigues, T. F. (ed.) *História da População Portuguesa*. Porto, CEPSE e Edições Afrontamento: 245-287.
- MOREIRA, R. (1989) – *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, Publicações Alfa, p.99.
- MORGADO, F. (1993) – Elvas. Praça de Guerra. Arquitectura Militar. *Caderno Cultural* nº7, Câmara Municipal de Elvas e Grupo de Apoio e dinamização Cultural de Elvas.
- ORTNER, D. J. (2003) – *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. London, U.K, Academic Press.
- PIRES, A. (1924) – As ruas d'Elvas: excerptos de um estudo sobre a toponymia elvense, *Estudos e notas elvenses* n.º 12, Elvas: António José Torres de Carvalho.
- QUEIRÓS, M. V. (1996) – *Reumatologia Clínica*. Lisboa, LIDEL.
- RODRIGUES, J. e PEREIRA, M. (1995) – *Elvas. Cidades e Vilas de Portugal*, Editorial Presença.
- RODRIGUES, T. F. (2008a) – As vivisitudes do povoamento nos séculos XVI e XVII. In: Rodrigues, T. F. (ed.) *História da População Portuguesa*. Porto, CEPSE e Edições Afrontamento: 159-246.
- RODRIGUES, T. F. (2008b) – O século XIX. In: Rodrigues, T. F. (ed.) *A História da População Portuguesa*. Porto, CEPSE e Edições Afrontamento: 327-416.
- SANTOS, A. L.; CUNHA, E.; DÂMASO, N. e MARRAFA, C. (1991/1992) – Ficha antropológica a utilizar na escavação. *Antropologia Portuguesa*, 9: 10-67.
- SANTOS, A. L.; CARDOSO, F.; ASSIS, S. e VILLOTTE, S. (2011) – The Coimbra Workshop in Musculoskeletal Stress Markers (MSM): an annotated review. *Antropologia Portuguesa*, 28: 135-161.
- SCHEUER, L. e BLACK, S. (2000) – *Developmental Juvenile Osteology*. USA, American Press.
- SERRÃO, J. (1984) – Cerco de Elvas (1658-59), in *Dicionário de História de Portugal*. Vol. II, Livraria Figueirinhas, Porto, p.359-360.
- SERRÃO, J. e MARQUES, A. (1998) – *Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, Coord. João José Alves Dias, Nova História de Portugal, Vol. V, Editorial Presença.
- SILVA, A. (1991-1992) – Determinação do sexo e estimativa da estatura a partir do calcâneo, talus e metatarsianos. *Antropologia Portuguesa*, 9-10: 59-65.
- VENTURA, A. (2008) – *Elvas na Literatura de Viagens*, Câmara Municipal de Elvas. (Recolha, Introdução e Notas).
- WASTERLAIN, R. (2000) – *Morphé: análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da coleção de esqueletos identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Tese de Mestrado em Evolução Humana, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.
- <http://www.monumentos.pt/>, "castelo de Elvas" e "núcleo urbano de Elvas".